

Afetos comuns: estudo comparativo das mobilizações pró e contra o impeachment de Dilma Rousseff no Facebook

Celina Lerner¹
Francine Ribeiro²

Resumo: Desde o início do segundo mandato de Dilma Rousseff, grupos a favor e contra o *impeachment* foram às ruas marcar posição. A articulação desses atos passa pelas Redes Sociais de Internet (RSIs). Analisamos duas páginas do Facebook: uma convoca manifestantes pelo *impeachment* - Movimento Contra Corrupção - e outra, contra o golpe - Povo Sem Medo. Recorremos às proposições de Espinosa para realizar análise de conteúdo das dez publicações mais “curtidas” de cada página e, assim, identificar quais afetos são mobilizados pelos diferentes grupos. Ambos conseguem tocar afetos alegres, mas a página pró-*impeachment* mobiliza também afetos tristes ligados ao ódio ao inimigo, enquanto enaltece figuras de heróis. Na página contra o golpe, o ódio aparece em apenas uma postagem e não há um herói, mas celebridades. Concluímos que ambas conseguem mobilizar afetos comuns, porém isso não significa que a ação política na rede esteja sendo motivadas pela razão.

Palavras-chave: Afetos. Mobilização política. Redes Sociais de Internet. Facebook.

¹ Doutoranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC. Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Bacharel em Comunicação social com habilitação em Jornalismo pela Universidade de São Paulo.

² Mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC.

Abstract: Since the beginning of Dilma Rousseff second term, groups in favor or against her impeachment took the streets in Brazil. The articulation of these demonstrations passes through Social Internet Networks (SINs). We analyse two Facebook pages: one calling for demonstrators pro-impeachment – Movimento Contra Corrupção - and another, against the coup – Povo Sem Medo. Through Spinoza's philosophical propositions, we conduct content analysis of the ten most "liked" posts on each page, identifying which affections are mobilized by the different groups. Both are able to arouse joyful affections, but the pro-impeachment page also mobilizes sad affections linked to hatred of the enemy, while enhancing hero figures. On the against the coup page, hatred appears in one post only and there is no hero but celebrities. We conclude that both succeeded in mobilizing common affections, but this does not mean that political action in the network is being motivated by reason.

Keywords: Affections. Political mobilization. Social Networking. Facebook.

Introdução

No dia 31 de julho de 2016, ruas de várias cidades do Brasil foram ocupadas por manifestações de dois grupos diferentes: um a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, contra a corrupção e contra o PT; e outro contra o golpe e em defesa da democracia. Essas manifestações seguem um ciclo que começa logo após a vitória de Dilma nas eleições de 2014. Do início do segundo mandato da presidente, em janeiro de 2015, até seu *impeachment*, em agosto de 2016, manifestantes contra o governo tomaram as ruas em pelo menos oito protestos em escala nacional, o maior deles contando com 3,6 milhões de participantes. Do outro lado, o grupo defensor do governo convocou até mais protestos, mas mobilizou menor número de manifestantes.

As formas “não-convencionais” de participação política no Brasil sofreram um refluxo durante o período de ditadura civil-militar da segunda metade do século passado, para eclodir com novos ares no início deste século (SANTOS, 2012). Em comparação com outros países pesquisados pela *World Values Survey* nos anos de 1991, 1997 e 2006, o Brasil apresenta taxas de participação relativamente altas em petições e boicotes, com valores próximos a alguns países mais desenvolvidos e superiores a outras democracias recentes da região (ARBACHE, 2015). A participação em protestos, no entanto, não seguia essa tendência, situação que muda drasticamente a partir dos protestos massivos de junho de 2013. A partir daí as ruas do Brasil tornaram-se espaço de disputa retomando o valor simbólico de espaço onde se realiza a participação política.

O que eclode nas ruas é articulado anteriormente por diversos meios. Castells (2009) argumenta que o poder na Sociedade em Rede é o “poder da comunicação”, isto é, o poder de produzir sentidos e significados pelo uso eficiente dos mecanismos de comunicação e influência na formação da opinião pública. Estamos, hoje, diante de uma mudança estrutural no paradigma das comunicações que gera reflexos na organização das estruturas de poder político. Como destaca Benkler (2011), com a Internet têm surgido novos tipos de poder e liberdade: possibilidade de vazamento e disseminação de informações; fuga do controle da informação pelas grandes corporações midiáticas; e novas formas de mobilização da opinião pública. Para o autor, a atual configuração da sociedade reflete um momento histórico específico no qual as redes de informação e comunicação desempenham um papel central na reconfiguração da organização da produção,

poder e do significado. De uma comunicação de massas, de estrutura vertical, em que *um* fala para *muitos*, as mudanças tecnológicas proporcionam a uma estrutura em rede, em que muitos falam para muitos, de forma horizontal e interativa, o que Castells (2009) chama de autocomunicação de massas.

Essa configuração em rede foi rapidamente incorporada por movimentos sociais que encontram nos dispositivos informacionais da Internet canais de expressão de identidades e mobilização de conflitos rompendo com o monopólio do fluxo de informações da mídia de massa (PEREIRA, 2011). Por meio dos diferentes canais de comunicação digital, os movimentos têm a possibilidade de disputar significados dentro da esfera pública. Pereira (2011), em sua análise sobre o ativismo não institucional na internet, sustenta que muitos indivíduos e pessoas não satisfeitas com o funcionamento das instituições e dos atores políticos estão procurando agir por meio de outros canais (não institucionais) para expressarem suas demandas e insatisfação.

Muito embora a maior parte dos estudos sobre o uso das RSIs como ferramenta de comunicação política no engajamento para ações de protesto abordem estratégias de grupos progressistas³, a insatisfação com o funcionamento das instituições não é exclusividade dos movimentos sociais situados mais à esquerda no espectro político. As ferramentas de comunicação e sociabilidade, comumente associadas a movimentos e coletivos de caráter emancipatórios, também são apropriadas por grupos de defesa de valores conservadores ligados à direita na defesa de suas causas, na publicização de seu discurso e na formação de redes políticas informacionais (PENTEADO, LERNER, 2016).

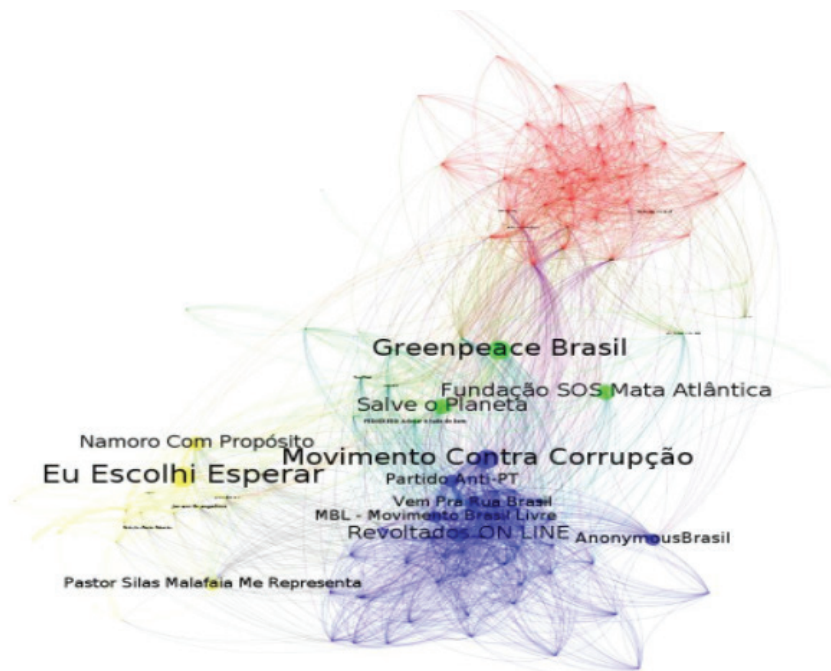
As manifestações que tomaram as ruas de várias cidades do Brasil em junho de 2013 articularam-se nas redes sociais, inicialmente entre grupos militantes autônomos e de esquerda. A expansão dos protestos trouxe a multiplicação das pautas e pôs nas ruas grupos diversos, alguns ligados à direita, com defesa de pautas conservadoras, “moralizadoras”, defesa da intervenção militar e outras bandeiras presentes no conservadorismo brasileiro. A esses, juntaram-se movimentos vinculados à ideologia de partidos que sustentam ideais liberais em oposição a uma concepção de Estado do bem-estar social. Esses grupos entram tardiamente em cena em 2013, mas têm uma intensa participação na campanha presidencial

³ O marco do uso da Internet por movimentos sociais ocorreu em 1994, quando o movimento indígena Zapatista forma uma rede global de apoio e solidariedade com o uso da Internet. Em 1999, durante os protestos antiglobalização, na “Batalha de Seattle”, o uso da internet foi estratégico (ALCANTARA, D’ANDREA, 2014). Destaca-se também o papel do uso das RSIs na Primavera Árabe, Indignados, Occupy Wall Street e as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil (CASTELLS, 2013).

brasileira de 2014, atuando fortemente dentro das redes sociais na disseminação de um discurso centrado nas pautas anticorrupção, antiPT (contra o Partido dos Trabalhadores), pela redução da maioria penal, entre outras. Após as eleições, os grupos mantiveram-se atuantes nas mídias sociais e iniciaram convocações para protestos contra a presidente eleita Dilma Rousseff.

A mobilização nas RSIs foi mapeada em julho de 2016 por pesquisadores da USP e Unesp (Figura 1). A pesquisa coletou dados de páginas do Facebook classificadas como “Cause” (causa) ou “*Political Organization*” (organização política) com mais de 50 mil curtidas e revelou uma polarização evidente. Os agrupamentos são o campo progressista (indicado pela cor vermelha), o campo conservador (azul), o campo evangélico (amarelo), e o campo ambientalista (verde). O mapa mostra também que número de curtidas das páginas e posts do grupo conservador é muito superior ao do grupo progressista. A página conservadora com maior número de curtidas, cujo nome aparece em letras maiores, é a Movimento Contra a Corrupção, com 2,5 milhões de curtidas. A página progressista mais curtida, *Deboas na Revolução*, tem 871 mil curtidas.

Figura 1. Mapa das redes de mobilização no Facebook



Fonte: Revista Carta Capital. Autores: Esther Solano, Pablo Ortellado e Marcio Moretto.

Mobilizando Afetos

O que toca as pessoas para que elas curtam uma postagem no Facebook e, possivelmente, saiam às ruas em protestos contra ou a favor de um governo? Para responder à pergunta recorreremos às proposições teóricas do filósofo holandês de origem portuguesa Baruch Espinosa. No século XVII, Espinosa (1992) refletiu acerca dos afetos individuais que reverberam em afetos comuns. Os primeiros surgem de intenções particulares, mas que se repetem em outros indivíduos, contemplam vontades e indagações comuns, podendo assim, levar a formação de insurgências.

Considerando as redes sociais como uma ferramenta de coalizão e também de disputa de narrativas, encontramos no Facebook um campo interessante para buscar conhecer a gênese do que aproxima e aparta pessoas. Na medida em que as pessoas apoiam uma causa e a demonstram através de “likes”, “compartilhamentos” ou comentários e passam a endossar um discurso presente em um post, elas associam afetos individuais, da própria natureza humana, que tem a intenção primeira de se autopreservar, conservar e ter o melhor para si. Encontramos aí a noção do egoísmo e individualismo presente em Hobbes e reiterada por Espinosa. Este último, contudo, considera o homem um ser social. O homem movido pela razão compreende o benefício máximo que a união traz e mesmo os homens dominados pela imaginação percebem que “por mútuo auxílio, obtêm muito mais facilmente aquilo de que necessitam, e que não podem evitar os perigos que os ameaçam de todos os lados a não ser pela união de forças”. (ESPINOSA, 1992, p. 35)

Somente pela razão é possível ter um conhecimento adequado das coisas e, assim, tornar-se sujeito de suas próprias ações. Quem, por outro lado, se afasta da razão, levado pela imaginação ou pelos afetos, deixa de ser sujeito para submeter-se a forças externas. É nesse movimento de afastar-se da razão ao deixar-se levar pelos afetos, que Deleuze e Guattari (2010) identificam no pensamento de Espinosa a formulação por excelência de toda filosofia política: “por que os homens combatem por sua servidão como se se tratasse da sua salvação?”.

Espinosa critica os afetos passionais, esses, ligados ao amor e ao ódio, que se ausentam de racionalidade. Para o autor, as ideias adequadas, ou seja, que nasçam da intelectualidade, devem ser nutridas. Desta forma, ao anular espontaneidades sujeitas a sentimentos primitivos que podem se desdobrar em

sentimentos desprezíveis, sendo sobrepostos pela racionalidade, os afetos ativos e comuns, podem se expandir e se concretizar em potências que levam a ações e na obtenção de vantagens coletivas. A proposta não está na negação dos afetos passionais, mas na canalização dos mesmos para um outro patamar, constitutivo.

A face nefasta aparece quando assume-se paixões e elas conduzem à repulsa e à destruição do outro. Portanto, exercitar a projeção dos afetos, buscando o comum, não deve ser motivado por sentimentos depreciativos que carregam impotência ética. Para que as paixões alegres sobreponham as tristes, como aversão ao outro ou ódio, as primeiras se colocam como “Remédios de Afetos”, capazes de ressignificar as paixões. O autor estaria dando pistas para a empatia. No processo de empatia canalizam-se os afetos a fim de se ter a experiência da beatitude, que apesar de seu tom altruísta, funda-se no utilitarismo da necessidade de se consolidar entre os pares.

Encontrar-se no outro e ter afetos que reajam entre si positivamente, seja em relação a um indivíduo ou grupo, é a uma necessidade humana. Inspirados por essa potencialidade dos corpos, os filósofos Michael Hardt e Antonio Negri (2005) passam a conceituar a multidão como potência da história. Influenciados pelas mobilizações contra a OMC em Seattle, em 1998, e contra o G8 em Gênova, em 2001, os autores defendem uma reformulação no conceito de multidão ou povo, de uma massa amorfa submetida ao poder das elites governantes a uma reunião de subjetividades com o potencial de eliminar o poder externo da soberania.

A princípio, o Facebook se mostra um espaço adequado para os encontros de subjetividades que se reconhecem mutuamente: o algoritmo exhibe para cada usuário conteúdo personalizado baseado em sua rede de amigos e suas interações, assim, a cada um é exibido um tipo de conteúdo com o qual, presumidamente, o usuário irá identificar-se. Estar em uma rede em que se possa encontrar-se no outro, seria então, positivo.

O homem não almeja apenas se preservar, anseia também; expandir-se. As reações nas páginas do Facebook transcrevem opiniões e afetos, ainda, expressam a tentativa de se colocar em meio a sociedade presente na web. Esse mimetismo afetivo, verdadeiro fenômeno de contágio emocional, é um mecanismo automático, pré-reflexivo, que não supõe nenhuma comparação entre nós e as coisas que imaginamos semelhantes a nós. Com esse princípio, nossos afetos e condutas passam a ser modificados pela consideração dos afetos que atribuímos

imaginariamente aos outros, afetos estes que reagem sobre os nossos, intervindo em sua constituição. É esse princípio, portanto, que fornece a base afetiva das ligações sociais e que funda os ciclos da reciprocidade afetiva. (GLEIZER, p. 47, 2005)

No mundo da web entre o real, irreal, ou melhor, o mundo projetado, cada sujeito-agente que interage nesse meio, tanto pode direcionar ao objeto (o post e seu conteúdo) afetos ativos dotados de racionalidade; passionalidades alegres - de solidariedade -; ou tristes - de ódio. Cada página e post podem abarcar diferentes reações, ou seja, afetos que podem potencializar, ou mesmo, anular um discurso. Ficam as perguntas: a relação dos usuários do Facebook com as postagens de cunho político que visam mobilizá-los para manifestações de rua refletem ações motivadas pela razão ou relacionam-se mais diretamente a afetos ligados à emoção? As reações na rede demonstram um esforço em valorizar a subjetividade e autonomia de cada indivíduo numa multidão que se diferencia de uma massa (HARDT, NEGRI, 2005) ou, ao contrário, reforçam a condição desses usuários como indivíduos passivos e sujeitos a forças externas? Em todo caso, quais são os afetos mobilizados por postagens que visam mobilizar para protestos de rua?

Metodologia

Buscamos identificar os afetos mobilizados tanto pelo campo conservador quanto pelo campo progressista, através de estudo comparativo entre duas páginas que convocaram manifestantes para os atos do dia 31 de julho de 2016. Do lado anti-governamental analisamos a página do **Movimento Contra Corrupção**, página do campo conservador com maior número de curtidas na análise do Mapa das Redes de Mobilização (figura 1). E na convocação de manifestantes para a defesa do governo Dilma Rousseff, analisamos a página **Povo Sem Medo**, que representa uma frente de mais 30 movimentos sociais de esquerda.

Capturamos todas as postagens no Facebook das páginas entre os dias 25 e 31 de julho, período que corresponde a semana que antecede ao ato e nos permite observar as estratégias usadas pelas páginas para convocar manifestantes para as ruas, assim como a reação dos usuários do Facebook a estas estratégias. Em seguida, selecionamos os dez posts mais curtidos de cada uma das páginas. As interações em cada um dos posts, especificamente as curtidas, indicam afetos

individuais que, ao serem compartilhados, tornaram-se afetos comuns. Esperamos, assim, encontrar a gênese da potência de multidão que nasce dos afetos de cada um dos grupos.

Identificamos os afetos mobilizados pelos dois grupos distintos a partir da análise do conteúdo das postagens com maior número de curtidas, tendo especial atenção à questão dos afetos positivos, como amor, alegria e solidariedade, e dos afetos negativos, mais ligados ao ódio e à tristeza. Apresentamos brevemente a página pesquisada e seguimos com a análise de conteúdo dos dez posts mais curtidos no período.

Postagens e seus afetos

A página Movimento Contra Corrupção convocou manifestantes para os atos pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Com 2,6 milhões de curtidas (em setembro de 2016), a página não tem descrição no Facebook; no lugar, estão links para o site e outras mídias sociais do grupo. Sua data de criação consta como janeiro de 2010, mas as postagens mais antigas no Facebook datam de julho de 2012. No período analisado, entre 25 e 31 de julho de 2016, a página publicou 976 postagens.

Os dez posts mais curtidos da página Movimento Contra Corrupção somaram ao todo 133.569 reações, em sua maioria curtidas, 129.853. Destacam-se as postagens que enaltecem o juiz federal Sérgio Moro, responsável pelo julgamento em primeira instância dos crimes identificados na Operação Lava Jato, e outros juízes de processos contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva por crimes de corrupção. São cinco postagens com esse teor na lista das dez mais curtidas e elas ocupam as posições 1, 3, 4, 9 e 10.

Esse tipo de post desperta afetos positivos, de admiração a figuras públicas identificadas como heróis e que devem, portanto, ser aclamadas e reconhecidas. É o que se afere da postagem mais curtida (figura 2), uma imagem do Estádio do Maracanã com a sobreposição de uma imagem translúcida do rosto de Moro e os dizeres: “Se você quiser ver o Maracanã inteiro gritando MOOOOROOOOOOOO na abertura das Olimpíadas, curta e compartilhe esse post pra viralizar essa ideia”. O post contém uma dupla chamada para a ação: a primeira procura atingir as pessoas que estarão presentes no Maracanã na abertura das Olimpíadas, conclamando-as a enaltecer massiva e publicamente o juiz responsável pela Operação Lava Jato -

num evento de alcance mundial; e a segunda, dirige-se aos próprios usuários do Facebook, para que curtam a postagem e, assim, demonstrem seu apoio à ideia. A estratégia alcançou os internautas, que reagiram registrando 47 mil curtidas (e mais 7,2 mil na segunda publicação do mesmo).

Figura 2. Post mais curtido, MCC



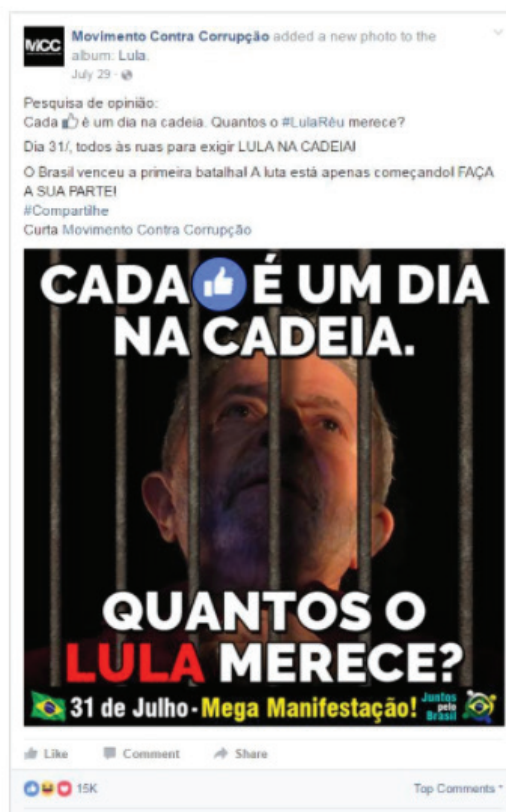
Fonte: Movimento Contra Corrupção (www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao)

Mas há uma ambiguidade no afeto despertado por esses posts: o afeto positivo provoca empatia com a figura dos juízes, mas essa empatia deriva de uma antipatia original: o ódio à figura do ex-presidente Lula e do Partido dos Trabalhadores. Isso fica evidente no comentário mais curtido à essa postagem: “O que mais me enoja são comentários de pessoas que insistem em defender Dilma e Lula. Escória, vivem no luxo a custa da desgraça do povo, inclusive de quem os defendem. Eu teria vergonha de defender ladrões e ir contra o que é certo”, curtido por 328 pessoas.

Outro tipo de postagem que aparece entre as dez mais, são aquelas cujo tema principal é Lula ou o PT. Elas figuram nas posições 2, 5 e 8 entre as mais curtidas. O afeto despertado aqui é um sentimento negativo com relação ao outro. Há uma construção do outro como inimigo, como vilão passível de punição. O

segundo post mais curtido (15 mil) traz uma imagem com o rosto de Lula atrás de grades e o texto: “Cada [like] é um dia na cadeia”. Curtir a postagem, então, é mais do que apoiar a ideia, é participar do processo e poder - ao menos na imaginação - contribuir com a justiça condenando e aumentando a punição do réu.

Figura 3. 2º post mais curtido, MCC



Fonte: Movimento Contra Corrupção (www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao)

Por fim, observamos duas postagens que trazem registros das manifestações. A sétima postagem mais curtida, traz fotos de manifestantes vestidos de verde amarelo nas ruas de São Paulo. E a sexta, um vídeo feito de cima de um carro de som na avenida Paulista, acompanhado do texto: “AGORA NA PAULISTA! Homenagem ao juiz Sérgio Moro! Cada curtida é um ‘parabéns’ ao juiz Sérgio Moro, que fará aniversário amanhã! O BRASIL VENCERÁ! FAÇA A SUA PARTE...”. Esse tipo de postagem instiga um afeto empático que denota a existência real do grupo e faz com que os fãs da página sintam-se ali representados.

Figura 4. 6º post mais curtido, MCC



Fonte: Movimento Contra Corrupção (www.facebook.com/MovimentoContraCorrupcao)

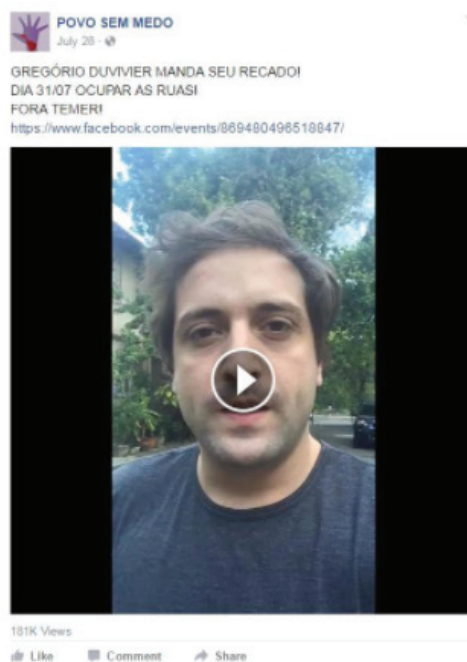
44

A página **Povo Sem Medo** foi criada no Facebook em outubro de 2015 e se descreve como “uma frente de mobilização composta por mais de 30 movimentos nacionais, focada em mobilizações contra o ajuste fiscal e o conservadorismo”. A página convocou para os atos de apoio à presidente Dilma Rousseff e tem cerca de 70 mil curtidas e publicou 49 postagens entre os dias 25 e 31 de julho.

Com cerca de 3,5 mil reações, um dos posts que teve maior impacto na rede social de esquerda analisada aqui foi o vídeo em que Gregório Duvivier convoca a população para a manifestação do dia 31.07.2016 (figura 5). Ademais, mais de 8 mil compartilhamentos demonstram que comparativamente, a esquerda é muito menor que a direita no Brasil. Interessante notar que houve um esforço de afeto ativo por parte da página, ao trazer uma figura pública de capital social e político a discursar e afetar pessoas em relação a causa: a defesa da democracia - que nas palavras de Duvivier “foi conquistada a muito custo”. Contudo, a figura paixão triste, vinda da direita, se revelou nos três comentários mais curtidos. Com palavras de ordem a direita mostrou sua aversão ao Partido dos Trabalhadores, à Dilma e Lula e ao próprio Gregório. Portanto, a postagem

afetou a essa pessoa que comentou e aos demais que curtiram o comentário, ou seja, a postagem teve múltiplos desdobramentos, de afetos comuns em apoio, de afetos passionais representado pela rejeição presente nos comentários e, ainda, do efeito transmitido em “likes” nesses comentários.

Figura 5. Post mais curtido, Povo Sem Medo



45

Fonte: Povo Sem Medo (<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>)

Figura 6. 4º post mais curtido, Povo Sem Medo



Fonte: Povo Sem Medo (<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>)

A seguinte postagem analisada é uma foto com os manifestantes já nas ruas, com o título “Mais de 60 mil pessoas nas ruas de São Paulo” (Figura 6). A

foto tirada da manifestação pela Mídia Ninja busca instigar um afeto empático e que denote a potência e o discurso comum, de modo que as pessoas de esquerda que acompanham a página sintam-se representadas. Com pouca expressividade ao comparar com as postagens da página da direita, essa postagem alcançou 1,6 mil reações. Diferentemente da primeira postagem analisada, nessa, as pessoas que não compartilham dos mesmos valores não comentaram de forma ofensiva. Os principais comentários e efeitos dos mesmos mantiveram-se entre os pares, porém, palavras indignadas e de crítica em relação à mídia cooptada pela direita, ou seja, o afeto passional da esquerda, não teve a ver com repúdio à pessoas e vontade de punição, mas a uma ideia de direita traduzida na forma de mídia e ao seu sistema. Ainda, comentários de incentivo, ou seja, a paixão alegre que se reverbera em solidariedade pode ser notada nesse caso.

O afeto passional, ou melhor, a paixão triste que acomoda o ódio, até então não tão explicitada nas postagens da página de esquerda, ganhou esse significado em um dos últimos posts daquele dia 31. Nessas últimas fotos publicadas referente à manifestação, a representação de Michel Temer foi queimada. O impacto dessas imagens foi ainda menor, apenas 825 pessoas reagiram, ou seja, as pessoas que acompanham a página se reconhecem menos em um discurso que carrega paixões tristes, de impotência ética, na medida em que estão mais alinhados a um ativismo pacifista e buscam reforçar isso.

Figura 7. 8º post mais curtido, Povo Sem Medo



Fonte: Povo Sem Medo (<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>)

Por último, o post do dia da manifestação mais curtido em São Paulo foi o vídeo em que a atual candidata a prefeitura Luiza Erundina discursa (figura 8). Apesar de sua relevância nesse cenário, o post não atingiu a marca de 700 reações, e dentre os comentários, os mais curtidos são os de oposição, que explicitam a dicotomia entre os vermelhos *versus* os “verde e amarelo”, os primeiros entendidos como inimigos a serem combatidos. Portanto, embora os grupos de oposição apresentem justificativas em relação ao post, eles não fogem as ideias inadequadas, pois se baseiam no discurso do ódio.

Figura 8. 10º post mais curtido, Povo Sem Medo



Fonte: Povo Sem Medo (<https://www.facebook.com/povosemmedonacional/>)

Considerações Finais

A partir desse estudo empírico comparativo pretendemos lançar luz sobre as novas formas de engajamento político no Brasil contemporâneo. Em primeiro lugar, notamos que a página **Movimento Contra Corrupção** consegue angariar muito mais curtidas do que a página **Povo Sem Medo**, o que demonstra um uso muito mais intenso das RSIs por parte dos conservadores. A direita se mobiliza através de afetos alegres que promovem a identificação do coletivo. Porém, mesmo esses afetos trazem a marca dos afetos tristes, pois o coletivo é construído a partir do ódio a um inimigo comum. Explicitamente, há três postagens pedindo a punição de Lula ou a extinção do PT. A página de esquerda também angaria mais curtidas nas postagens que falam da potência coletiva e, portanto, mobilizam afetos alegres. Mas nesse caso, a presença do ódio é menos marcante, estando estampada apenas na oitava postagem mais curtida, com imagens de uma representação do então vice-presidente Michel Temer sendo queimado em uma manifestação de rua.

Observamos que os dois grupos analisados lograram êxito na construção de uma identidade coletiva que associa afetos individuais. A página Movimento Contra Corrupção constrói uma identidade coletiva que se apresenta como o próprio Brasil, são os brasileiros de verde amarelo, homens e mulheres que torcem pelo bem do país. A todo instante, a página reforça a necessidade de uma ação coletiva: “faça sua parte!”. O usuário do Facebook é, assim, parte de um todo maior, o Brasil, que está sendo atacado por inimigos, cujo líder é o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Temos então o dever de nos defender, de defender o Brasil, de exigir justiça e punir os culpados pela nossa situação desfavorável. Numa leitura a partir de Espinosa, vale notar que na construção dos posts mais curtidos do MCC, o coletivo é afetado por uma causa externa e espera-se que a resolução dessa situação também venha de fora. Nesse cenário, ascende a figura de um herói, um paladino, o juiz Sérgio Moro.

Embora o ataque ao inimigo apareça de forma mais contundente nos posts do MCC, o Povo Sem Medo não se ausenta dessas práticas, ora espontâneas, ora motivadas por vontades. O exercício de sobreposição de tipos afetivos a fim da defesa de afetar e ser afetado por paixões alegres ou de afetos ativos e racionalizados, só faz sentido de acordo com as intencionalidades - que nem sempre é baseada no

pacifismo, pois, se para determinado grupo se reconhecer e formar potências; a tática de disseminação de afetos tristes e passional seja a mais efetiva, dificilmente ele optará pela sobreposição desses afetos a fim de remediá-los, pois a necessidade utilitária de auto preservação, se dá por meio de esforços que visam a coesão e que resultam em vantagens coletivas.

Se verificamos inimigos nos posts da página Povo Sem Medo, não encontramos heróis. A página usa com sucesso a figura de celebridades carismáticas que colocam seu capital social (BOURDIEU, 1998) em prol da causa. Mas essas não figuram como possíveis salvadores, ao contrário, provocam uma identificação num nível mais horizontal e chamam os internautas para a ação. De certa forma, isso demonstra que o grupo atingido pelo Povo Sem Medo estaria mais inclinado a ser sujeito, enquanto o grupo do MCC deseja que a salvação, a alegria ou a resolução de conflitos venham de um agente externo.

A intenção desta reflexão não foi defender um tipo de posicionamento, ou mesmo, estratégia de ativismo na rede, mas sim, relevar fatores externos que podem influenciar potências derivadas de afetos em espectros políticos diferentes. Procuramos compreender em que medida os grupos que intentam mobilizar politicamente apelam mais às paixões alegres ou tristes, ou ainda, tentam estabelecer afetos ativos, racionalizados em suas narrativas através de imagens, vídeos, textos e demais recursos disponíveis na rede. Verificamos que as páginas utilizam estratégias diferentes e que distintos afetos são acionados em cada um dos grupos analisados. Os dois obtêm sucesso na criação de um sentido comum, de uma unidade de grupo, pela mobilização de afetos compartilhados. Mas isso não implica, necessariamente, que as páginas e seus fãs estejam se enveredando pelo caminho da razão. Ao contrário, o comum aqui nasce pois as páginas e o próprio meio propiciam ao indivíduo o reconhecimento do seu próprio afeto no afeto do outro, em outras palavras, o afeto mobilizado e exteriorizado por meio de uma curtida encontra eco em todas as outras curtidas da mesma postagem.

Entre a proposição otimista de Hardt e Negri (2005), de que a multidão dotada de subjetividade pode liberar-se da influência externa, e a preocupação de Deleuze e Guittari (2010) sobre os homens lutarem por sua servidão como se tratasse de sua salvação, tendemos a nos aproximar desta última. Heróis,

celebridades, vilões, atos de violência e desejo de vingança são parte do conteúdo mais curtido nas duas páginas, o que denota que os afetos dos usuários do Facebook são, sim, mobilizados, porém nada indica que a razão esteja sendo a motivadora de sua ação política na rede. Como define Espinosa, quando a motivação não é racional ou ligada a ideias adequadas, juntar-se ao seu semelhante e lutar por sua preservação, não necessariamente trará consequências emancipadoras.

Referências

ALCANTÂRA, Livia Moreira e D'ANDRÉA, Carlos Frederico de Brito. Redes de movimentos sociais e intervenção na esfera pública interconectada: um estudo da campanha pelo limite da terra na internet (2012). In BRAGA, Sérgio; SILVEIRA, Sérgio Amadeu; PENTEADO, Claudio L. C. (orgs.) **Cultura, política e ativismo nas redes digitais**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2014.

ARBACHE, Guilherme Pires. **Querer e poder: análise quantitativa dos determinantes da participação política no regime democrático brasileiro**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Barcelona: Alianza Editorial, 2009.

_____. **Redes de indignação e de esperança**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2013

BENKLER, Y. Network Theory | Networks of Power, Degrees of Freedom. **International Journal of Communication**, 5, 39, 2011

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**, São Paulo: Editora 34, 2010

ESPINOSA, Bento de. **Ética**. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1992

GLEIZER, Marcos André. **Espinosa & A Afetividade Humana**. Rio de Janeiro; Editora: Zahar, 2005.

HARDT, Michael. NEGRI, Antonio. **Multidão**, Rio de Janeiro: Record, 2005

PENTEADO, Claudio. LERNER, Celina. Uso do Facebook nas mobilizações de oposição ao governo. In: CASTILHO, Alessandra et al (org). **Comunicación política y democracia en Latinoamérica: retos y perspectivas**. Capivari: Editora Nova Consciência, 2016

PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política – os movimentos

sociais na era digital. In: **Encontro da Compolítica**, 4, 2011, Rio de Janeiro. Anais do Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2011.

SANTOS, Cleide Magáli dos. Força Pública versus Manifestantes: 2011, o ativismo e o confronto em alta. **8º Encontro da ABCP**, Gramado: 2012 <http://www.cienciapolitica.org.br/wp-content/uploads/2014/04/6_7_2012_21_16_49.pdf>